

# MAÇONS E PROTESTANTES NUMA CIDADE CATÓLICA DO INTERIOR DO ESTADO DO CEARÁ (1929 - 1944)

## FREEMASONS AND PROTESTANTS INTO A CATHOLIC CITY IN THE INTERIOR OF THE STATE OF CEARÁ (1929 - 1944)



**MATHEUS MARTINS CARLOS<sup>1</sup>**

### **Resumo**

O artigo analisa o processo de inserção de Maçons, das Lojas Deus e Fraternidade e Fraternidade Jaguaribana, e Protestantes, da Igreja Presbiteriana, na cidade de Russas, localizada no interior do Estado do Ceará, na região do Baixo Vale do Jaguaribe, entre os anos de 1929 e 1944, período em que aconteceram as primeiras ações maçônicas e protestantes, bem como a fundação dos seus espaços institucionais. Objetiva-se compreender, portanto, em que medida a presença destes grupos, que também teceram relações de proximidades, ocasionou fissuras no tabernáculo da Igreja Católica, instituição religiosa que então dispunha de forte domínio perante o campo religioso desta cidade. Empiricamente, utilizaremos fontes mnemônicas, hemerográficas, livros de memória e livros eclesiais da Paróquias de Nossa Senhora do Rosário de Russas. No aspecto teórico-metodológico, utilizaremos os conceitos de campo religioso e poder simbólico, ambos de autoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

**Palavras-chave:** Maçons; Protestantes; Igreja Católica; Ceará; Russas.

### **Abstract**

The article analyzes the process of insertion of Freemasons, from Lojas Deus e Fraternidade and Fraternidade Jaguaribana, and Protestants, from the Presbyterian Church, in the city of Russas, located in the interior of the State of Ceará, in the Baixo Vale do Jaguaribe region, between the years from 1929 to 1944, a period in which the first Masonic and Protestant actions took place, as well as the founding of its institutional spaces. The aim is to understand, therefore, to what extent the presence of these groups, which also formed close relationships, caused cracks in the tabernacle of the Catholic Church, a religious institution that then had a strong hold on the religious field of this city. Empirically, we will use mnemonic and hemerographic sources, memory books and ecclesiastical books from the Parish of Our Lady of the Rosary of Russas. In the

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE/FAFIDAM, tendo sido bolsista do PET/MEC. Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades – MAHCE/UECE. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

O presente texto constitui-se uma parte da monografia “Os Pregoeiros da Boa Nova”: a inserção do Espiritismo no campo religioso de poder simbólico da cidade de Russas – CE (1947 - 1949), de minha autoria, produzida no curso de História da UECE/FAFIDAM, sob orientação do prof. Dr. José Olivenor Souza Chaves.



theoretical-methodological aspect, we will use the concepts of religious field and symbolic power, both authored by the French sociologist Pierre Bourdieu.

**Keywords:** Freemasons; Protestants; Catholic church; Ceará; Russas.

## Introdução

Entre os anos de 1929 a 1944, na cidade de Russas, localizada no interior do Estado do Ceará, na região do Baixo Vale do Jaguaribe, espaço social à época marcado pela forte presença da Igreja Católica, aconteceu a inserção de Maçons, das Lojas Deus e Fraternidade e Fraternidade Jaguaribana, e Protestantes, da Igreja Presbiteriana. Neste recorte espaço – temporal, Maçons e Protestantes, que também teceram relações de proximidade, buscaram constituir, por meio de ações distintas, capital simbólico que abalou, por assim dizer, as bases do campo religioso, protagonizando conflitos com o clero católico local, o qual achava-se receoso de perder sua primazia. Objetiva-se compreender, portanto, em que medida a presença destes grupos ocasionou fissuras no tabernáculo da Igreja Católica.

O recorte espacial toma Russas como cenário. A delimitação temporal inicia-se no ano de 1929, em razão da fundação da Loja Maçônica Deus e Fraternidade, e vai até o ano de 1944, momento em que os presbiterianos conseguem fundar sua própria Igreja. Neste meio tempo, aconteceu também a fundação da Loja Maçônica Fraternidade Jaguaribana, em 1937. Acreditamos que esta delimitação espaço-temporal nos possibilitará compreender as tensões iniciais no campo religioso de Russas, na primeira metade do século XX.

Empiricamente, as fontes utilizadas na construção deste texto historiográfico, consistirão em duas entrevistas: Alfeu Costa Torres, 68 anos, funcionário público municipal aposentado; e Hildete Costa Torres, 60 anos, professora e trabalhadora autônoma<sup>2</sup>. Livros de memória: “Capital e Santuário: miragens, russano-nordestinas”, de autoria do Cônego Pedro de Alcântara Araújo (1986); “Russas: sua origem, sua gente, sua história”, de Limério Moreira da Rocha (1976). E trechos do livro de tombo de número 3 da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Russas, escrito entre o final do século XIX e início do século XX. Periódicos: *O sacerdote* (1943), *A Ação* (1941) e *A Razão* (1936).

---

<sup>2</sup> As duas entrevistas foram realizadas pelo autor deste trabalho em Russas - CE, na residência do Alfeu Torres, localizada no centro desta cidade, no dia 17/12/2021.



Como aporte teórico-metodológico, serão utilizados os conceitos de campo religioso e poder simbólico, ambos de autoria do sociólogo Pierre Bourdieu. Estas duas categorias nos ajudarão a compreender as dinâmicas em torno do sagrado, sobretudo no que diz respeito às relações de poder tecidas entre Igreja Católica, Maçons e Protestantes, bem como as singularidades simbólicas presentes na organização interna das instituições, nas ações dos agentes, na tessitura dos discursos, na prática dos ritos, vivência dos hábitos, nas disputas (internas e externas), alianças, domínios, fissuras, permanências, mudanças.<sup>3</sup>

Dito isto, a sociedade contemporânea, no pensamento de Bourdieu, é dotada de espaços sociais, que em seus âmagos contam com a presença de diferentes campos, a exemplo do social, político, econômico, cultural, educacional, artístico, religioso, dentre outros. Os campos, apesar de estarem divididos em categorias, não se encontram isolados, cada um a seu modo, pois estão em constante contato, podendo, inclusive, influenciarem nas dinâmicas dos demais. Porém, mesmo em meio a este intercâmbio natural entre instituições e sujeitos sociais, cada campo dispõe de singularidades e maneiras específicas de organizações internas, onde ocorrem constantes disputas entre os grupos que desejam manter domínio, e outros que buscam tomá-lo e constituírem outras cosmovisões (Bourdieu, 2007).

No interior do campo religioso, assim como nos demais, existem divisões, de ordem burocrática e funcional, que são constituídas, por um lado, pela necessidade de bom funcionamento das instituições; e, por outro, a partir do jogo de concorrência protagonizado entre os agentes dos diferentes grupos inseridos no campo, aos quais, pelas posições que desempenham dentro das órgãos sagrados, devem defender o grupo que representam de qualquer tipo de concorrência, sobretudo se essa concorrência provier de outro(s) grupo(s) religioso(s) (Bourdieu, 2007).<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Pierre Bourdieu, embora não fosse um estudioso das religiões e das dinâmicas que lhes são inerentes, ao longo da sua vasta trajetória acadêmica, buscou tecer reflexões a respeito de como as religiões, por meio das instituições, com ênfase nas de matriz judaico-cristã presentes no Ocidente, desenvolvem suas ações (temporais/espirituais) nos espaços sociais (Dianteill, 2003).

<sup>4</sup> Na teoria dos campos religiosos de Bourdieu, dentre os agentes, também denominados pelo autor como “especialistas”, que se incubem ou são os encarregados dos deveres religiosos, destacam-se três: o *Sacerdote*, representante da Igreja e responsável pela continuidade da primazia simbólica desta religião nos diversos espaços onde ela esteja situada; o *Profeta* e sua *Seita*, responsável por seitas de menor expressão que buscam se inserir, crescer e rivalizar institucionalmente com a Igreja pelo capital religioso do campo; e o *Feiticeiro*, uma espécie de trabalhador autônomo que não pertence a nenhuma religião, desempenhando somente ações fortuitas, de caráter efêmero. O profeta e o feiticeiro, não obstante ocupem posições e tenham intenções distintas no âmago do campo religioso, singularizam-se ao tomar as estruturas e o poder da Igreja como algo que deve ser desfeito (Bourdieu, 2007).



A primazia ou o protagonismo dos grupos dentro do campo é demonstrada a partir do capital religioso conquistado por meio das ações dos agentes. Na medida em que lograram êxitos na sedimentação do capital religioso, os grupos religiosos conseguem se estabelecer em um espaço social, formulando e estruturando, conseqüentemente, aquilo que Bourdieu (1989, p. 15) denomina de poder simbólico, responsável por “construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo”.

Nos convém, portanto, questionarmos que aspectos marcaram a inserção de Maçons e Protestantes no campo religioso da cidade de Russas, na primeira metade do século XX? Quais os sujeitos que estiveram envolvidos neste processo? Maçons e Protestantes teceram relações de proximidade? Como a Igreja Católica, por meio dos seus representantes do Clero, utilizou-se do seu poder simbólico para agir em meio às possíveis ameaças no campo religioso?

### **O contexto histórico da(s) disputa(s)**

A partir da Proclamação da República do Brasil, fato ocorrido no dia 15 de novembro de 1889, o Estado brasileiro atesta-se laico. Esta condição permitiu que distintos grupos religiosos e filosóficos, entre o final do século XIX e princípio do XX, a exemplo do Protestantismo e Espiritismo, bem como das Lojas Maçônicas, se multiplicassem nas capitais e rincões do país, gerando conflitos e embates com o clero católico, que naquele instante se achava receoso de perder seus espaços de atuação para os referidos grupos, acima citados. No Ceará, embora com início na segunda metade do século XIX, foi sobretudo a partir da primeira metade do século XX que se verificou, inicialmente na capital, Fortaleza, e depois nas demais regiões interioranas, a multiplicação de Igrejas Protestantes, Lojas Maçônicas e Centros Espíritas (Gadelha, 2005; Silva, 2009).

No espaço social da cidade de Russas, o campo religioso, ao menos até as primeiras décadas do século XX encontrava-se, em termos institucionais, fortemente dominado pela Igreja Católica, a qual, por se fazer presente na região jaguaribana desde o período colonial, dispunha de sólidas bases doutrinárias perante a população. Missas, procissões, festas da padroeira, dos santos e santas, ritos de batismo, casamento e morte, grupos de orações, irmandades religiosas, visitas pastorais dos bispos, constituíam-se não só como atividades religiosas cotidianas, necessárias para a manutenção da Igreja, mas



também, como mecanismos de afirmação e demonstração de poder simbólico da fé católica na região. Segundo o Cônego Pedro de Alcântara Araújo<sup>5</sup>, no livro memorialístico *Capital e Santuário* (1986, p. 37)<sup>6</sup>:

Procuramos demonstrar com fatos que havia, nos primórdios de Russas, um fervor religioso extraordinário, e que esse fogo sagrado, procedeu da ação do divino Espírito Santo, naquela comunidade, regada pelo generoso sangue dos mártires da fé, nessas terras brasileiras do Nordeste. Assim sendo, a igreja nascente, às margens do Rio Jaguaribe, ou, mais precisamente, às margens do Arahybu, constituía-se em centelha divina, que ainda hoje brilha nos corações sertanejos.

Na visão de Araújo (1986), o povo russano, desde o processo de povoamento das ribeiras do Rio Jaguaribe, que ocorreu na segunda metade do século XVII, é possuidor de um primitivo “fervor religioso”, sendo a Igreja Católica uma espécie de “centelha divina”, ou seja, uma luz, um farol, responsável por guiar, espiritual e temporalmente, os corações sertanejos em suas labutas cotidianas. Em consonância a isso, por ter sido a primeira paróquia da região, fundada em 1735, e ser detentora de um “patrimônio de fé”, a cidade também deveria ser considerada a “Igreja Mãe”, o “Santuário do Vale”.

A partir da Proclamação da República do Brasil, fato ocorrido no dia 15 de novembro de 1889, o Estado brasileiro atesta-se laico. Esta condição permitiu que distintos grupos religiosos e filosóficos, entre o final do século XIX e princípio do XX, a exemplo do Protestantismo e Espiritismo, bem como das Lojas Maçônicas, se multiplicassem nas capitais e rincões do país, gerando conflitos e embates com o clero católico, que naquele instante se achava receoso de perder seus espaços de atuação para os referidos grupos, acima citados. No Ceará, embora com início na segunda metade do

---

<sup>5</sup> Sujeito de poucas palavras, por vezes muito enérgico e controverso, em suas atitudes, conforme ponderou o historiador Carlos Rochester Ferreira de Lima (2020), Pe. Pedro Alcântara chegou na cidade de Russas no dia 1 março do ano de 1948, para ser coadjutor do então prelado José Terceiro de Sousa, que, em julho do mesmo ano, como recompensa pelas ações empreendidas em desfavor de Maçons, Protestantes e, sobretudo, contra os Espíritas, foi levado à condição de bispo da Diocese de Caetité, na Bahia. A partir de então, momento em que efetivamente assumiu a incumbência de vigário geral, Pedro de Alcântara Araújo foi um dos mais dedicados defensores do catolicismo no município de Russas, sendo até hoje conhecido e lembrado, pela população local, por seu jeito introvertido e ações radicais contra os demais grupos religiosos, como foi o caso dos Espíritas, Maçons e Protestantes.

<sup>6</sup> Aproveitando-se de uma “farta” documentação eclesiástica, disposta na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Russas, especificamente nos Livros de Tombo que haviam resistido à ação do tempo, a obra, acima mencionada, busca analisar os principais acontecimentos religiosos, políticos, sociais, econômicos e culturais que marcaram a referida paróquia desde a sua fundação, datada do início do século XVIII, até o final da primeira metade do século XX, momento em que, segundo Araújo (1986), o fervoroso e primitivo fervor religioso católico entra em crise, motivada pela inserção, no seio da sociedade local, das ideias da Maçonaria, do Protestantismo e do Espiritismo, além do abalo causado pela perda, para a cidade de Limoeiro do Norte-CE, da diocese do Vale do Jaguaribe, fato que gerou sentimentos de descontentamento no clero e na sociedade local.



século XIX, foi sobretudo a partir da primeira metade do século XX que se verificou, inicialmente na capital, Fortaleza, e depois nas demais regiões interioranas, a multiplicação de Igrejas Protestantes, Lojas Maçônicas e Centros Espíritas (Gadelha, 2005; Silva, 2009).

No espaço social da cidade de Russas, o campo religioso, ao menos até as primeiras décadas do século XX encontrava-se, em termos institucionais, fortemente dominado pela Igreja Católica, a qual, por se fazer presente na região jaguaribana desde o período colonial, dispunha de sólidas bases doutrinárias perante a população. Missas, procissões, festas da padroeira, dos santos e santas, ritos de batismo, casamento e morte, grupos de orações, irmandades religiosas, visitas pastorais dos bispos, constituíam-se não só como atividades religiosas cotidianas, necessárias para a manutenção da Igreja, mas também, como mecanismos de afirmação e demonstração de poder simbólico da fé católica na região. Segundo o Cônego Pedro de Alcântara Araújo<sup>7</sup>, no livro memorialístico *Capital e Santuário* (1986, p. 37)<sup>8</sup>:

Procuramos demonstrar com fatos que havia, nos primórdios de Russas, um fervor religioso extraordinário, e que esse fogo sagrado, procedeu da ação do divino Espírito Santo, naquela comunidade, regada pelo generoso sangue dos mártires da fé, nessas terras brasileiras do Nordeste. Assim sendo, a igreja nascente, às margens do Rio Jaguaribe, ou, mais precisamente, às margens do Arahybu, constituía-se em centelha divina, que ainda hoje brilha nos corações sertanejos.

Na visão de Araújo (1986), o povo russano, desde o processo de povoamento das ribeiras do Rio Jaguaribe, que ocorreu na segunda metade do século XVII, é possuidor de um primitivo “fervor religioso”, sendo a Igreja Católica uma espécie de “centelha divina”,

---

<sup>7</sup> Sujeito de poucas palavras, por vezes muito enérgico e controverso, em suas atitudes, conforme ponderou o historiador Carlos Rochester Ferreira de Lima (2020), Pe. Pedro Alcântara chegou na cidade de Russas no dia 1 março do ano de 1948, para ser coadjutor do então prelado José Terceiro de Sousa, que, em julho do mesmo ano, como recompensa pelas ações empreendidas em desfavor de Maçons, Protestantes e, sobretudo, contra os Espíritas, foi levado à condição de bispo da Diocese de Caetité, na Bahia. A partir de então, momento em que efetivamente assumiu a incumbência de vigário geral, Pedro de Alcântara Araújo foi um dos mais dedicados defensores do catolicismo no município de Russas, sendo até hoje conhecido e lembrado, pela população local, por seu jeito introvertido e ações radicais contra os demais grupos religiosos, como foi o caso dos Espíritas, Maçons e Protestantes.

<sup>8</sup> Aproveitando-se de uma “farta” documentação eclesiástica, disposta na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Russas, especificamente nos Livros de Tombo que haviam resistido à ação do tempo, a obra, acima mencionada, busca analisar os principais acontecimentos religiosos, políticos, sociais, econômicos e culturais que marcaram a referida paróquia desde a sua fundação, datada do início do século XVIII, até o final da primeira metade do século XX, momento em que, segundo Araújo (1986), o fervoroso e primitivo fervor religioso católico entra em crise, motivada pela inserção, no seio da sociedade local, das ideias da Maçonaria, do Protestantismo e do Espiritismo, além do abalo causado pela perda, para a cidade de Limoeiro do Norte-CE, da diocese do Vale do Jaguaribe, fato que gerou sentimentos de descontentamento no clero e na sociedade local.



ou seja, uma luz, um farol, responsável por guiar, espiritual e temporalmente, os corações sertanejos em suas labutas cotidianas. Em consonância a isso, por ter sido a primeira paróquia da região, fundada em 1735, e ser detentora de um “patrimônio de fé”, a cidade também deveria ser considerada a “Igreja Mãe”, o “Santuário do Vale”.

O “Santuário do Vale”, fruto de uma produção literária e discursiva, que ganhou vida através da obra, acima citada, foi se constituindo de maneira prática na vida cotidiana das pessoas, em meio às diversas tramas religiosas, sociais, políticas e econômicas que permitiram a instituição católica, no decorrer do tempo, utilizar o seu poder simbólico como uma ferramenta de controle e supressão das massas. “A centelha divina” descrita por Araújo (1986), além de representar um farol, pode, também, ser interpretada como um conjunto de símbolos católicos, como é o caso da cruz, dos sinos da Igreja, das procissões, dos ritos de batismos, casamentos e óbitos, que “guiaram” o povo russo ao longo do tempo.

Contudo, o “Santuário do Vale” teria seus sustentáculos abalados a partir do final da década de 1920 e durante as décadas de 1930 e 1940, pois é o momento que marca a inserção de Maçons,<sup>9</sup> com a Fundação das Lojas Deus e Fraternidade, em 1929, e Fraternidade Jaguaribana, em 1937 (Silva, 2009), Protestantes,<sup>10</sup> com a chegada do Missionário Presbiteriano, José Pinto Bandeira, em 1931 (Ribeiro, 2013), e Espíritas, com o início das reuniões em 1947 e fundação do Centro Espírita Rodolfo Teófilo, em 10 de janeiro de 1948.

A chegada dos agentes representantes da Maçonaria e do Protestantismo na cidade de Russas, que coincide com os últimos momentos do vicariato de Raymundo Hermes Monteiro<sup>11</sup>, representaria, na visão do Araújo (1986, p. 321), o “rompimento” da “resistência católica, à invasão das “seitas iaques” e ao “proselitismo maçônico”. Esses dois grupos, em consonância, na visão do Araújo (1986, p. 327), teriam sido responsáveis por causar “sérios problemas à unidade da Igreja Católica de Russas”.

Ainda segundo Araújo (1986), as décadas de 1920 a 1940 marcam o momento em que a Igreja Católica e o “fervoroso” catolicismo dos russanos “entra em crise”. Dom

<sup>9</sup> Para Castellani (2012, p. 4): “a definição mais aceita e mais divulgada da Maçonaria é a seguinte: instituição educativa, filantrópica e filosófica que tem por objetivo os aperfeiçoamentos morais, sociais e intelectuais do Homem por meio do culto inflexível do Dever, da prática desinteressada da Beneficência e da investigação constante da Verdade”.

<sup>10</sup> Conforme Ribeiro (2013, p. 64): “o termo protestante vem do documento formal de protesto que os luteranos apresentaram em uma assembleia, em 1529, manifestando oposição à política religiosa adotada pela Igreja Católica”.

<sup>11</sup> Vigário da Paróquia de Russas entre os anos de 1924 e 1930.



Mauro Ramalho,<sup>12</sup> natural de Russas e responsável por prefaciá-la a obra memorialística *Capital e Santuário: miragens russano-nordestinas*, do Cônego Araújo, vai além, e denomina a primeira metade do século XX como um período “pálido” na história da paróquia.

Dom Mauro considera, ainda, que tal palidez ocorreu em virtude de uma suposta ausência de ação dos ministros católicos responsáveis pelo controle da Paróquia de Russas na época. Pois esses, diferente de todos os outros que haviam pastoreado na Igreja ao longo da sua existência neste espaço social, possuíam “pouca capacidade de luta” e “desconhecimento do lugar preponderante”, fazendo com que “o centro vital de expansão da fé de todo este vale perdesse a primazia religiosa de que antes desfrutava”, possivelmente permitindo a abertura de estrias no tabernáculo católico.

Naquele instante, com a saída do vigário Raymundo Hermes, quem assumiu a incumbência de administrar a Igreja Católica local, foi o já experiente pároco Vital Gurgel Guedes, que recém havia sido transferido da cidade vizinha, Limoeiro, atual Limoeiro do Norte (Castello Branco, 2015). Vital Gurgel Guedes, conforme Araújo (1986, p. 327), ficou à frente da Igreja russana durante 14 anos, entre os anos de 1930 e 1944, sendo o responsável por “silenciar” as inscrições nos livros de tombo, bem como não teria tido “habilidade, nem competência para contornar o avanço sectário na Paróquia”.

Além de possivelmente ter “permitido” que houvesse uma “invasão sectária” na paróquia, como descreve Araújo (1986), o pároco também não conseguiu, junto com as elites católicas locais, articular um plano para vencer a concorrência de Limoeiro nas disputas pela Diocese do Vale do Jaguaribe, em 1938. Tais atitudes, na visão do Araújo (1986), teriam sido capitais para que se desenvolvesse, dentro de uma paróquia que havia sido lugar de sacerdotes “doutos” e “santos”, o “mistério da iniquidade.” Mais do que isso, seria o momento em que a Igreja estaria diante dos seus maiores desafios, algo que provavelmente não acontecia desde o processo de colonização do Ceará.

As informações prestadas pelo Cônego Pedro de Alcântara Araújo e Dom Mauro Ramalho devem ser questionadas, visto que o jornal *A Razão*, oriundo de Fortaleza, em 19 de julho de 1936, anunciava, com matéria em tom de relato pessoal escrita pelo político e católico Jehovah Motta, que “um dia estando em Russas ouvi um eminente católico

---

<sup>12</sup> “Nasceu em Russas, no dia 14 de maio de 1925. [...] Foi ordenado sacerdote por Dom Aureliano Matos, aos 05 de dezembro de 1948 em Russas, na Matriz de Nossa Senhora do Rosário” (Castello Branco, 2015, p.143). Foi sagrado o primeiro Bispo da diocese de Iguatu, no ano de 1961, onde permaneceu até o ano de 2000 (Castello Branco, 2015). Dom Mauro faleceu no dia 9 de dezembro de 2019, aos 94 anos de idade.



mais ou menos estas palavras: “na freguesia há intenso trabalho de catolicismo e assistência religiosa, mas muito prejudicado pela ação da Loja Maçônica” (*A Razão*, Fortaleza – CE, 19 de jul. 1936, p.1).

O contraponto do periódico, à época com fortes vínculos com a Igreja Católica (Silva, 2009), nos leva a refletir que há, no interior das afirmações do Cônego Araújo e Dom Mauro, o desejo de “encontrar”, por assim dizer, um ou mais culpados pela inserção de Maçons e Protestantes em Russas. Ao fazerem isto, os ministros católicos esqueceram de compreender o contexto histórico, marcado por um conjunto de fatores, não só religiosos, puxados a reboque por uma laicidade estatal que permitia o livre trânsito de diferentes grupos filosóficos e religiosos nos relevos do país, fato este que contribuiu para a multiplicação tanto de Lojas Maçônicas quanto de Igrejas Protestantes (Silva, 2009). Sem contar, é claro, com a conseqüente secularização das estruturas de poder da Igreja Romana, em curso desde meados do século XVII (Rosa, 2011). Ou seja, é um movimento que se constituiu de fora pra dentro do campo religioso de Russas, não necessariamente configurando-se como uma suposta ausência, omissão ou incapacidade de ação dos vigários da época, a exemplo de Vital Gurgel Guedes.

Conforme a historiadora Cintya Chaves (2013, p. 6), os memorialistas:

Ao produzirem seus textos, ou aglomerarem documentos, não possuem a percepção que estão produzindo “representações de uma realidade”, podem até acreditar que está faltando algum dado, mas para eles, pelo menos predominantemente, os fatos falam por si só. A relação com suas produções escritas ou com as fontes lembram ao da escola metódica. Enquanto o historiador seleciona, indaga, fazendo o texto- documento falar, o memorialista o vê como uma prova, uma verdade absoluta de um passado e se relaciona neste sentido, gerenciando suas produções de maneira uniformizante e homogeneizadora. A este respeito os mesmos articulam discursos, “recolhem provas”, que em algum momento vão responder muito mais a seu interesse pessoal, no sentido de que ao reunirem questões que positivem sua família, respinga em seus presentes, em si próprios, distorcendo assim a proposta do conhecimento histórico, que dentre elas, pode-se citar a desconstrução de discursos dominantes, como exemplo.

Acreditamos, portanto, que a presença de Maçons e Protestantes no espaço social analisado nesta pesquisa, não ocorreu necessariamente pela ausência de ações do clero local, uma vez que a Igreja, há alguns séculos, se achava imbuída na vida das pessoas. Mas, sim, em razão de um contexto histórico muito mais amplo, com princípio a partir do processo de laicização do Estado brasileiro, no final do século XIX, embora a maçonaria e o protestantismo estivessem no Brasil bem antes desse período, como será demonstrado nas páginas posteriores.



## O clero Católico e o temor a chegada das “seitas” Maçônicas e Protestantes no “Santuário do Vale”

Antes mesmo desses grupos se estabelecerem na cidade de Russas, é possível compreender, por meio das informações que Araújo (1986) obteve nos Livros de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Russas, que na segunda metade do século XIX, a Igreja Católica, por intermédio da Diocese do Ceará, localizada na capital, Fortaleza, já temia e chamava a atenção dos vigários locais para que estes ficassem atentos com relação a qualquer movimentação suspeita de Maçons e Protestantes na região jaguaribana, tendo em vista que estes, ao lado de Espíritas e Teosofistas, já vinham executando suas ações na cidade de Fortaleza desde a segunda metade do século XIX (Souza, 2008; Silva, 2009).

Segundo Araújo (1986, p. 251), essas informações eram repassadas aos fiéis nos púlpitos das Igrejas locais, no momento das missas, deixando o povo russano “perplexo”, “sem entender o porquê das consequências perniciosas para sua fé, acaso viesse a faltar uma sólida doutrinação católica, na Paróquia de Russas”.

Em cartas pastorais datadas da década de 1880, o então Bispo da Diocese do Ceará, Dom Luiz Antônio dos Santos, e o Monsenhor Hippolyto Gomes Brazil, que também atuava na mesma diocese, noticiavam as suas impressões sobre a Maçonaria, bem como informavam a respeito da presença de sujeitos que se identificavam como Protestantes nas ruas de Fortaleza, onde eram encontrados vendendo bíblias:

### Maçonaria

Ninguém ignora, Caríssimos e amados filhos, que todas as Lojas Maçônicas de todos os países e do mundo são animadas do mesmo espírito, e que todas tendem para o mesmo fim; a prova disto ahi esta n`sta pertinácia, com que todas ellas se opponham ao ensino da Igreja Catholica, e desprezão as graves penas espirituais, de que sempre uzou a Igreja, como ultimo remédio para chamar seus filhos desobedientes ao caminho da Salvação (Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Russas, n° 03, p. 23 *Apud* Araújo, 1986, p. 250).

### Protestantismo

Por mais d` uma vez tem apparecido nesta capital agentes das sociedades bíblicas inglesas distribuindo bíblias falsas, e por não terem encontrado acolhimento nem tão pouco crentes para suas perniciosas doutrinas, em breve retirarão-se.” Há poucos anos aqui esteve um ministro protestante, com intuito de fazer propaganda, tentou também fazer a distribuição gratuita de bíblias falsificadas, e de outros livros de sua seita [...] (Livro de Tombo da Paróquia



de Nossa Senhora do Rosário de Russas, nº 03, p. 23 *Apud* Araújo, 1986, p. 257).

Os versos das duas cartas pastorais expostas acima evidenciam que a Igreja Católica, por meio da retórica dos seus representantes, via com maus olhos a presença de outros agentes religiosos no seu campo de atuação. Para evitar que os fiéis católicos adentrassem nas fileiras da Maçonaria e do Protestantismo, os ministros católicos empreendiam uma mensagem condenadora, buscando alertar seus fiéis sobre os possíveis perigos das “seitas”, aos quais, segundo os discursos acima, eram espaços eivados de “transgressores”.

Nas narrativas do Bispo Dom Luiz e do Monsenhor Hippolyto Brazil, além de colocar Maçons e Protestantes na posição de inimigos, o Clero alertava sobre os riscos do abandono dos hábitos católicos pois, para Dom Luiz, aqueles que aderissem à Maçonaria sofreriam “graves penas espirituais”, uma vez que na interpretação do bispo, os ditames Maçônicos se “opponham” aos ensinamentos católicos. De forma similar, o Monsenhor Hippolyto Brazil, ao analisar a presença dos Protestantes na cidade de Fortaleza, os qualificava como meros distribuidores de “bíblias falsificadas”, integrantes de “perniciosas doutrinas”.

### **A chegada de Maçons e Protestantes em Russas**

Para início, uma afirmação se faz necessária: embora a maioria dos seus grupos tenham Deus como o grande arquiteto do Universo, a Maçonaria não é uma religião.<sup>13</sup> A maçonaria é, portanto, uma:

Sociedade filosófica, filantrópica e cultural, de caráter fechado, assentada no livre pensamento, no racionalismo e no evolucionismo, com o objetivo de promover nos seus iniciados o aperfeiçoamento intelecto-moral, pela espiritualização e prática da fraternidade e solidariedade humanas (Silva, 2009, p. 78).

A Maçonaria adentrou em terras cearenses ainda na primeira metade do século XIX, culminando com a fundação da Loja União e Beneficência, em 1834, na cidade de Fortaleza (Freire, 2016). Os sujeitos vinculados a Maçonaria, no Ceará, entre a primeira

---

<sup>13</sup> Em seus quadros de participantes, a Maçonaria reúne sujeitos oriundos de diversas religiões, desde que estes, no ato iniciático, demonstrem crença em Deus, considerado pelos Maçons “O Grande Arquiteto do Universo”. Assim, os Maçons podem ser Católicos, Protestantes, Judeus, Espíritas, dentre outros.



metade dos séculos XIX e XX, eram do sexo masculino e provinham de uma camada social abastarda, sendo, na maioria das vezes, jornalistas, médicos, intelectuais, coronéis, trabalhadores liberais e chefes políticos (Neves, 2015).

Podemos conjecturar, em virtude da posição social privilegiada desses sujeitos, tratar-se de pessoas com ensino superior ou conhecimento das letras, elementos que os possibilitava compreender e serem adeptos dos princípios da Maçonaria, que se ancoravam nos ideários iluministas, racionalistas, cientificistas e liberais. Essas concepções, do século XVIII ao XX, foram os vetores que impulsionaram e deram sentido a existência da chamada “Maçonaria Moderna”<sup>14</sup> (Neves, 2015; Silva, 2009).

Desse modo, o pensamento maçônico, organizado a partir dos preceitos ocidentais de Modernidade, onde a razão, a ciência e o progresso, além da fraternidade universal, exercida através da beneficência, constituíam-se como a ordem do dia. Previa-se que, por meio de um espaço onde o pensamento fosse “livre”, os seres humanos teriam a capacidade de expressar suas ideias e evoluir moralmente:

O preâmbulo do Código Maçônico brasileiro de 1914 apresenta os objetivos da Maçonaria como sendo “o aperfeiçoamento material, moral e intelectual da humanidade, por meio da investigação constante da verdade científica, do culto inflexível da moral e da prática desinteressada da solidariedade” (Código Maçônico, 1914, p. 5). Para a Maçonaria, a razão e a ciência são tidas como os principais instrumentos que levarão a humanidade a atingir um futuro de moral e virtudes que são certos e comuns a todos os povos, uma vez que se crê na unicidade da natureza humana. Contudo, se os instrumentos que levam ao futuro são de base objetiva e cartesiana, este futuro utópico a que se acredita chegar é essencialmente de caráter subjetivo, uma vez que se sustenta em valores (moral e virtude) histórica e culturalmente construídos. Além disto, a sociedade maçônica aproxima as modernas crenças na razão e na ciência a valores, tais como o respeito à hierarquia e o culto ao passado, cuja origem e sustentação datam das tradições dos ofícios medievais. Todavia, mais do que simplesmente acreditar na evolução da humanidade rumo a um futuro determinado, a Maçonaria exprime-se como a instituição de vanguarda responsável por guiar os homens rumo à civilização (Souza, 2015, p.20).

Ao longo do tempo, ancorado nos aspectos descritos acima por Souza (2015), a Maçonaria foi se constituindo como uma instituição universal composta de:

---

<sup>14</sup> “Pode-se, sucintamente, afirmar que a Maçonaria moderna surgiu na Inglaterra, com a formação da Grande Loja de Londres (1717), primeira potência maçônica, reunindo membros de diversas lojas (ou corporações), dando daí em diante sua organização administrativa e formulação de ritos e normas, com a Constituição de Anderson (1723). Guardando muita similitude com as corporações de pedreiros medievais (praticantes da chamada Maçonaria operativa daí a palavra maçom significar *pedreiro-livre*, a Maçonaria moderna se desenvolveu como uma fraternidade masculina fechada a iniciados, assegurando aos seus membros sociabilidade, proteção, segurança e espaço de livre-pensamento no contexto da era monárquica do Antigo Regime” (Silva, 2018, p. 288).



Corpo de doutrinas acabadas, que permaneceram imutáveis através dos tempos. Entretanto, foi justamente a realidade idiossincrática, assumida pela ordem nas diversas partes do mundo, que dificultou, por vezes, a tarefa de demarcar o campo conceitual maçônico. [...] identificamos como principais componentes desse fundo comum teórico as divisas do progresso, da razão, da liberdade, da igualdade, da moral e da fraternidade (Souza, 2015, p. 19).

Os agentes vinculados ao presbiterianismo, por sua vez, chegaram ao Ceará no final do século XIX. Eram, em sua maioria, missionários, pregadores e pastores provenientes dos Estados Unidos, que foram enviados pela junta de missões da Igreja Presbiteriana da América para iniciarem a divulgação da fé reformada na América do Sul<sup>15</sup> (Souza, 2008).

Souza (2008) pondera que esses sujeitos não buscavam apenas evangelizar e abrir Igrejas. O intuito, na realidade, consistia em ir além, visando ocupar o posto de religião dominante. Para que tal objetivo fosse alcançado, dentro de um cenário de Proclamação da República, modernização, laicização e secularização da sociedade brasileira, os presbiterianos fizeram uso de uma mensagem que “valorizava a fé protestante como elemento imperativo para o desenvolvimento de uma civilização moderna e depreciava a fé católica, acusando-a de ser fonte de atraso e superstição” (Souza, 2008, p. 9).

De modo similar a Maçonaria, os missionários presbiterianos, em sua maioria, mostravam-se simpatizantes dos ideários modernos de razão, liberdade, livre pensamento. Demonstrando isso nos seus discursos nas ruas da capital cearense, através dos jornais ou panfletos distribuídos à população, a mensagem propalada pelos agentes protestantes passou a chamar a atenção das camadas médias da sociedade cearense, formada por intelectuais, jornalistas, trabalhadores liberais, dentre outros, que viam na fé protestante algo compatível com os anseios daquela sociedade (Souza, 2008), pois:

Surgidos como fruto das várias transformações sociais e políticas experimentadas àquele tempo, em especial aquelas ligadas à incorporação dos valores e ideias do liberalismo, esses segmentos almejavam a construção de um novo *ethos* para o país, fundado nos cinco princípios fundamentais do pensamento político liberal: a compreensão do progresso científico como o maior e melhor feito do homem; o desejo de secularização progressiva da sociedade; a confiança na capacidade de realização do indivíduo; separação entre Igreja e Estado; a concepção evolutiva da sociedade. O entusiasmo da classe média e da pequena burguesia com esse ideário liberal se explica, em grande medida, por acreditarem que pô-lo em prática faria crescer a chance de

<sup>15</sup> O casal de missionários De Lacey e Mary Wardlay, ao desembarcarem na cidade de Fortaleza, em 1882, se destacaram como sendo responsáveis pela estruturação do Protestantismo na capital cearense, pois além de auxiliarem na divulgação da sua fé, assim fundaram a primeira Igreja de confissão Protestante no Estado, em 1892, e auxiliaram na expansão do Protestantismo pelos sertões cearenses, a partir do princípio do século XX (Gadelha, 2005).



romperem a opressão que a tradição aristocrática do país lhes impunha, negando-lhes os anseios de ascensão social e participação política. Na luta pela afirmação de seus ideais, os descontentes encontraram, na Igreja Católica, um de seus mais fortes adversários, posto que em muito ofendia o liberalismo a seus dogmas e princípios de doutrina. Ademais era o catolicismo – religião oficial do Estado – que garantia à hierarquia da sociedade imperial um caráter inexorável, legitimando-a por meio de uma lógica sacralizadora. Dessa forma, a luta em prol de uma sociedade liberal, moderna, dessacralizada, por vezes significou militar contra a Igreja Católica e seu papel de instituição legitimadora da configuração “conservadora” e “arcaica” da sociedade brasileira (Souza, 2008, pp. 24-25).

Embora Protestantes e Maçons tenham realizado suas astúcias na capital cearense nas décadas finais do século XIX, foi a partir dos anos iniciais do século XX que se registra um processo de interiorização do Protestantismo e da Maçonaria pelos rincões do Ceará, com direção às cidades e vilas que se localizavam nas regiões do Sertão Central e Cariri (Souza, 2008; Silva, 2009). Na Região do Vale do Jaguaribe, embora tardiamente, o movimento Protestante e Maçônico, que culminaria com a fundação das primeiras Lojas Maçônicas<sup>16</sup> e Igrejas Protestantes<sup>17</sup>, iniciou no final dos anos de 1920.

O final da década de 1920 é compreendido por Silva (2018, p. 293) como o momento em que a Maçonaria ingressa “num período de expansão quantitativa nunca visto antes”. Entretanto, ao mesmo tempo em que se expandia em nível nacional e local, interiorizando suas ideias e preceitos, a Maçonaria, embora possa parecer paradoxal, também enfrentava, em âmbito nacional e estadual, instabilidades que culminaram com a divisão da instituição.

Como consequência dos cismas internos, o Grande Oriente do Brasil - GOB, até aquele momento, com o auxílio dos Grandes Orientes Estaduais, representavam os únicos órgãos encarregados de centralizar os trabalhos maçônicos no país, teve que ceder espaço para as Grandes Lojas Estaduais, que foram criadas por dissidentes que discordavam das ações internas realizadas pela GOB (Silva, 2009).

Além das fissuras em seu interior, a Maçonaria também enfrentaria forte oposição com a aliança instituída entre a Igreja Católica e o Governo de Getúlio Vargas, sobretudo a partir da instauração do regime ditatorial do Estado Novo, em 1937, momento em que Getúlio Vargas, através do artigo de nº 168 da Constituição Federal, suspendeu a liberdade de reunião das instituições de orientação religiosa-filosófica, a exemplo da Maçonaria, forçando o fechamento das lojas até 1945, com o fim do regime ditatorial

<sup>16</sup> “Fraternidade do Aracati (1929); Deus e Fraternidade (1929); Fraternidade Jaguaribana, nº 16 – Russas (1937)” (Silva, 2009, p. 329).

<sup>17</sup> Assembleia de Deus (1926) - Morada Nova (Freire, 2016).



(Silva, 2009). Acreditamos que tal acontecimento, o qual em âmbito nacional contou com apoio da Igreja Católica, aliada de primeira hora do governo de Vargas, tenha contribuído para atenuar as ações Maçônicas em todo o país, inclusive em Russas.

Então, a cidade de Russas, ao menos até o ano de 1937, contava com duas lojas: a Deus e Fraternidade, vinculada ao Grande Oriente do Brasil, e a Fraternidade Jaguaribana, atrelada a Grande Loja do Ceará. As duas instituições fecharam suas portas quando o decreto de nº 168 entrou em vigor, de modo que apenas uma delas, a Deus e Fraternidade, anos depois, na década de 1970, voltaria a ser reestruturada, permanecendo em atividade até os dias atuais.

Durante a pesquisa não conseguimos obter fontes suficientes que nos permitissem tecer reflexões pormenorizadas a respeito da Loja Fraternidade Jaguaribana, fato este que nos levou, em virtude da presença de mais fragmentos, a focar na Loja Deus e Fraternidade, bem como nas relações dos seus membros com a Igreja Presbiteriana. Apesar disso, pode-se dizer que a Loja Fraternidade Jaguaribana, sob a jurisdição da Grande Loja do Ceará - GLC, foi fundada por Vicente Carvalho,<sup>18</sup> no dia 16 de janeiro de 1937. No período em que esteve em funcionamento na cidade, a Loja congregou pessoas de todos os municípios da região, a exemplo de Limoeiro, que na época não contava com nenhuma Maçonaria (Freire, 2016)

O historiador Marcos Diniz Silva (2018, p. 293) assevera que as instituições maçônicas vinculadas a Grande Loja do Ceará, no aspecto político ideológico, possuíam maior apreço pelas ações filantrópicas, visto que “a orientação das grandes lojas se afinaria mais com o modelo liberal-democrático norte-americano e com um pretenso apoliticismo e valorização do viés filantrópico-religioso da maçonaria anglo-saxônica”.

A Loja Deus e Fraternidade, fundada em 1929, sob orientação do Grande Oriente do Brasil - GOB (Silva, 2009), por Aderson Gonçalves, que também ocupava o cargo de venerável. Ao mapear informações e cruzar dados compilados por Rocha (1976), compreendemos que a Deus e Fraternidade, em seus quadros, contavam com pessoas pertencentes às elites locais da cidade de Russas: médicos, dentistas, trabalhadores liberais, comerciantes, políticos, coronéis e delegado de polícia.

Maçonaria – Sociedade Filantrópica Secreta, que usa como símbolos os instrumentos do pedreiro e do arquiteto. Fundada – em Russas pelo Sr. Aderson Gonçalves, teve como membros de direção os senhores: Aderson Gonçalves – Venerável; Mário Torres – Primeiro Vigilante; Francisco Maia

<sup>18</sup> Não encontramos, durante a pesquisa, nenhuma informação a respeito desse sujeito.



Perdigão – Segundo Vigilante; Antônio Gonçalves – Tesoureiro; José Delfino Júnior – Secretário; Dioclécio Maia Gondim – Orador; Membros que frequentavam esta loja maçônica: Joaquim Torres Ferreira, José de Deus, João de Deus, Milton Loyola, Alexandre Celedônio, José Agostinho de Oliveira, Manuel Gonçalves Santiago, João Lima de Oliveira, Alberto Tavares, José Bandeira e Climério Lopes de Oliveira (Rocha, 1976, p. 150).

Embora Rocha (1976) não seja claro quanto a data em que a lista acima foi produzida, acreditamos que o fragmento seja datado da década de 1930, representando a formação inicial da instituição. Dos nomes presentes na citação acima, não nos foi possível obter informações de todos, apenas de uma parte, compilados no quadro abaixo.

**Quadro 1 – Integrantes da Loja Deus e Fraternidade na década de 1930**

NOME	CARGO/FUNÇÃO QUE OCUPOU NA MAÇONARIA DEUS E FRATERNIDADE	PROFISSÃO
Aderson Gonçalves	Venerável	Comerciante. Foi proprietário do Cineteatro 5 de Junho, localizado na Av. Dom Lino.
Mário Torres	Primeiro Vigilante	Jornalista. Ao longo da primeira metade do século XX foi redator de vários periódicos que circulava em Russas, sendo eles: “O VADIO” (não sabemos o ano); em 1919 “O FLAGELADO”; em 1941, “CORREIO DE RUSSAS”.
Antônio Gonçalves	Tesoureiro	Comerciante. Proprietário, na década de 1930, da “Casa Gonçalves”, estabelecimento que comercializava peças de ferragens, alumínios e louças.
Dioclécio Maia Gondim	Orador	Comerciante. Proprietário da “Casas Gondim”, estabelecimento comercial que existiu em Russas até meados do século XX.
Joaquim Torres Ferreira	Frequentador	Trabalhador Liberal
João de Deus	Frequentador	Político e comerciante. Conhecido como um dos “barões da carnaúba” e coronel. Na década de 1940, com o auge do comércio da cera de carnaúba na região do Baixo Jaguaribe, ele se destacou por ser um dos maiores comerciantes do ramo. Seu título de coronel não se deu por possuir carreira militar, mas por ser dono de grandes latifúndios no município. Também possuiu carreira política, tendo sido eleito vereador, em 1936, e, prefeito de Russas (1948-1951).
Milton Loyola	Frequentador	Dentista. O seu consultório odontológico se localizava no centro da cidade, na atual Travessa Acelino Pontes, vizinho a Igreja Presbiteriana.
Climério Lopes	Frequentador	Delegado. Foi delegado do município, entre o final dos anos de 1930 e princípio da década de 1940.

Fonte: Adaptado de Rocha (1976).



Percebe-se, a partir da análise quadro acima, que a Maçonaria Deus e Fraternidade, ao integrar em seu meio pessoas que dispunha de prestígio social, seja pela formação acadêmica, cargos públicos ou bens comerciais que possuíam, constituía-se como um espaço privilegiado de socialização das elites locais, um lugar de distinção social. Assim, ser maçom, embora houvesse a oposição da Igreja Católica, que coibia a participação dos seus fiéis nas fileiras maçônicas, representava a oportunidade dos sujeitos de se integrarem nas estruturas do poder político, econômico e social da sociedade local.

Para Marcos Diniz Silva (2018), as lojas que eram vinculadas ao Grande Oriente do Brasil, em seus aspectos político-ideológicos, a exemplo da Deus e Fraternidade, contavam com forte influência da maçonaria francesa, que era adepta a politização explícita, laicismo e anticlericalismo. Entre os integrantes da Deus e Fraternidade notamos que haviam sujeitos ligados a política, como demonstramos acima. Porém, não podemos afirmar que em todos os membros desta loja tenham sido anticlericais, visto que alguns destes eram católicos e possuíam fortes laços de proximidade com as autoridades do Alto Clero.<sup>19</sup>

A *Razão*, em matéria publicada no dia 19 de julho de 1936, de autoria do político Jehovah Motta, assevera que a Deus e Fraternidade, de forma similar a Fraternidade Jaguaribana, costumava receber maçons de outras cidades da região, ao passo que também atuava em prol da desestabilização do clero católico:

Um dia estando em Russas ouvi um eminente católico mais ou menos estas palavras: “na freguesia há intenso trabalho de catolicismo e assistência religiosa, mas muito prejudicado pela ação da Loja Maçônica. Esta recebe visitas de maçons de outros municípios, entre eles se destacando pelo seu furor anti-clerical o sr. Heribaldo Costa”. Por aí fiquei sabendo que o homem odiado pelos seus processos políticos era maçom de quatro costados. E desde então, vez por outra, me foi dado ouvir referenciais quase sempre orladas desses comentários: “e o pior é que o homem é manhoso, inteligente, e põe sua inteligência ao serviço de uma campanha virulenta contra o Clero e contra a Religião” (A *Razão*, Fortaleza – CE, 19 de jul. de 1936, p. 3).

A despeito do Heribaldo Costa, não encontramos informações de sua trajetória profissional, nem de sua verídica participação na loja Deus e Fraternidade. Porém, o

---

<sup>19</sup> O Jornal *Gazeta de Notícias*, em reportagem datada de 1948, e assinada por um dos fundadores do Centro Espírita da Cidade, Júlio Maciel, relata que o João de Deus, que naquele momento ocupava o cargo de prefeito, era Católico e muito amigo de Dom Aureliano Matos, primeiro bispo da diocese do Vale do Jaguaribe.



jornal afirma que este sujeito era político, e estava se não financiando supostas ações da Deus e Fraternidade, utilizava-se da sua inteligência e influência política a “*serviço de uma campanha virulenta contra o Clero e contra a Religião*”. Não obstante impossibilitados de ir além, nos questionamos: teria Heribaldo Costa, em consonância com os demais membros da Deus e Fraternidade, organizado ações maçônicas contra a Igreja Romana, como afirma *A Razão*?

Creemos, portanto, que os participantes da Maçonaria Deus e Fraternidade, na década de 1930, atuaram tanto na política, nos meios de comunicação, quanto, também, nas associações de caráter filantrópico, como era o caso da Sociedade Beneficente Russana,<sup>20</sup> fundada em 1926, que teve como fundadores três membros da loja: Deoclécio Maia Gondim, Mário Torres e Francisco Maia Perdigão (Rocha, 1976).

Os Protestantes, assim como os Maçons, iniciaram suas movimentações na região no final da década de 1920 e princípio da década de 1930 (Freire, 2016). Em 1931, quando chega em Russas o funcionário da Empresa Correios e Telégrafos e Missionário Presbiteriano, José Pinto Bandeira, tem princípio as primeiras ações do Protestantismo. Pinto Bandeira, paulatinamente, foi constituindo relações de proximidade com moradores locais, dentre eles, o trabalhador liberal, Joaquim Torres, e o dentista, Milton Loyola, que se tornaram, de acordo com Rocha (1976) e Ribeiro (2013), os primeiros convertidos ao Protestantismo no município.

Com a ausência de uma Igreja, que só seria inaugurada em 1944, e com uma população maciçamente católica, as primeiras reuniões de estudos bíblicos aconteceram na casa da Milton Loyola, que também era um consultório odontológico, localizado no centro da cidade (Ribeiro, 2013). Na medida em que o número de adeptos foi crescendo, o que não chegava a ser algo muito expressivo<sup>21</sup>, as reuniões deixaram de se concentrar apenas nos estudos das escrituras bíblicas, reservadas para poucos, e passaram a ganhar as ruas da cidade, através do empreendimento de evangelização de “porta em porta” nas residências, e também nos espaços onde haviam intensa movimentação de pessoas, a exemplo do Mercado Público (Ribeiro, 2013).

<sup>20</sup> A instituição se caracterizava pela realização de ações filantrópicas, que se concentravam no auxílio aos sujeitos mais necessitados da cidade (Rocha, 1976).

<sup>21</sup> Em resposta a um questionário enviado pelo Bispo Dom Aureliano à todas as paróquias da região jaguaribana, que tinha o objetivo de compreender o número de adeptos da fé protestante, assim respondeu o então vigário de Russas, José Terceiro de Souza: “existe a Igreja Presbiteriana, começada há cinco ou seis anos, contando-se aproximadamente 45 seguidores” (Freire, 2016, p. 106).



Nessas ocasiões, a bíblia constituía-se, ao lado da retórica dos pregadores, um dos elementos mais relevantes dentro das estratégias proselitistas dos presbiterianos, visto que “os protestantes consideravam indissociável a difusão da bíblia sagrada e a expansão da fé protestante e isso significava também que o crescimento da denominação contribuiria para uma mentalidade bíblica na sociedade” (Ribeiro, 2013, p.75).

A mensagem apregoada pelos missionários presbiterianos, como compartilha Oliveira (2012), colocava os dogmas católicos em risco, uma vez que, com a utilização da bíblia e dos discursos, faziam os sujeitos terem dúvidas sobre a validade dos ritos vinculados ao catolicismo pois, “o Protestantismo buscou caracterizar a Igreja Católica como retrograda e antiliberal. A Igreja era mostrada como um obstáculo maior a todo e qualquer tipo de progresso, material ou espiritual” (Gadelha, 2005, p. 83). Em consonância a isso, Gadelha (2005, p. 81) ressalta que:

Os aspectos doutrinários do Protestantismo reforçavam o ideal da liberdade individual e da ascensão social pelo esforço pessoal, não importando a origem do indivíduo, dependendo da sua perseverança, para receber suas recompensas. Estimulada, ainda, o Protestantismo, o crescimento individual, através, do trabalho, da força de vontade, da perseverança em direção ao ideal, difundindo mensagens de esperança e confiança, que contribuíram para as mudanças, desmistificando a aparência de imutabilidade da realidade social.

Lembremos que até a década de 1960, com o Concílio Vaticano II, as missas eram realizadas com os padres e ministros católicos virados de costas para a assembleia de fiéis e de frente para o altar, e a leitura da bíblia era realizada em Latim. Os Protestantes, diferente do clero católico, possuíam uma proposta mais direta, objetiva, que intentava ser o mais próximo possível dos fiéis, com uma linguagem acessível, de fácil compreensão, buscando fazer com que os indivíduos compreendessem que o elo de ligação entre estes e Deus, não estava alojado na necessidade de intermediários, a exemplo dos padres, mas apenas de uma relação recíproca entre criador e criatura. Visto que, ao modo liberal presente no protestantismo, tudo dependeria da vontade de si, pois cada ser humano, aos olhos de Deus, representa um templo, uma Igreja (Gadelha, 2005).

A respeito disto, em um contexto não distante, Robério Américo Souza (2006, p. 128), referindo-se à ação protestante na cidade de Fortaleza do século XIX, percebe que:

A mensagem protestante divulgada em Fortaleza foi, então, calcada no esforço de convencer a sociedade de que o catolicismo afastou-se do verdadeiro cristianismo pois, ao invés de buscar o bem comum e o crescimento do homem, promovia a ignorância e a superstição, causas principais do "atraso" da cultura brasileira. O protestantismo, por sua vez, irá figurar como uma religião de



renovação, que reaproxima o homem de Cristo, sendo ainda a base da verdadeira civilização, pois estimula o desenvolvimento do conhecimento e do trabalho, entendendo-os como a realização da vontade de Deus para os homens. Dessa maneira o discurso missionário, [...] procura criar uma relação direta entre modernidade, civilização e liberalismo (político e econômico) com a fé protestante, ao mesmo tempo em que identifica o catolicismo com o pré-moderno, com o atraso e a ignorância.

Conforme Freire (2016, p. 105), na década de 1940, em razão da identificação de protestantes nas cidades de Limoeiro, Morada Nova e Russas, foi montada uma campanha pela diocese do Vale do Jaguaribe, à época pastoreada por Dom Aureliano Matos, de combate ao Protestantismo, visto que a expansão da fé renovada “inquietava muito a elite eclesiástica, temerosa em perder a hegemonia do catolicismo e também ver abalada a ordem social vigente”.

Isso não acontecia por acaso ou de forma isolada, uma vez que a Igreja Católica, desde o século XIX, momento de ascensão da modernidade ocidental, buscou, por meio do Ultramontanismo, movimento que centralizava todas as ações em Roma, angariar meios de continuar se valendo dos seus símbolos em um mundo diferente, secularizado, onde acontecia, de maneira veloz, a separação entre os espaços de experiências, marcados sobretudo pelas tradições, dos horizontes de expectativas, alicerçados na ideia de razão, ciência, progresso e evolução (Rosa, 2011).

Assim, fechando-se em torno si “e lançando sua voz profética contra o mundo moderno, a Igreja reagia de modo contundente àquilo que considerava uma ameaça a sua hegemonia como instituição que ditava uma forma de vivência religiosa, um poder divino na terra” (Freire, 2016, p. 85).<sup>22</sup> O protestantismo e a maçonaria, por seu turno, eram considerados pelo clero como agentes dos males modernos.

Na paróquia de Russas, conforme relato do vigário José Terceiro de Souza, então responsável pela prelazia, “para se combater o protestantismo na paróquia o clero tem realizado missões” (Freire, 2016, p. 106). As “missões”, contudo, se caracterizavam como momentos propícios para insuflar, com uso da violência, a massa católica contra os inimigos protestantes. Assim, na medida em que os representantes da “fé renovada” saíam pelas ruas realizando pregações, fazendo uso de bíblias e vociferando uma mensagem

---

<sup>22</sup> Como consequência deste movimento, na década de 1920, a Igreja Católica criou o movimento de *Ação Católica no Ocidente*. O intuito deste movimento, com ênfase no retorno da influência política da Igreja, como também organização dos leigos para atuarem em nome da instituição, defendendo seus postulados: “Isto se dava pela motivação da Igreja em revitalizar o catolicismo e cimentá-lo na sociedade moderna, como em ter também um controle mais efetivo e eficiente sobre as Igrejas particulares e sobre aqueles que professavam a fé católica pelo mundo” (Fernandes, 2018, p. 1-2).



distinta daquela que era praticada pela Igreja Católica, passaram a ser coagidos pelo clero local que via a fé renovada como um mal que deveria ser desfeito.

Porém, antes de partir para ações de caráter extremo, a exemplo de agressões físicas, o clero católico advertia que seus fiéis não compactuassem com as mensagens repassadas pelos presbiterianos, buscando manter seus ataques apenas no campo da retórica. Na medida em que estes alertas não surtiram efeito, a Igreja Romana apelou para o uso da violência, onde os “apedrejamentos e procissões eram autos de fé, símbolos da expulsão de hereges, identificados, nas mentes dos fiéis católicos, como algo demoníaco” (Ribeiro, 2013, p. 79).

As práticas coercitivas de caráter extremo, orquestradas pela Igreja Romana, não só na cidade de Russas, mas em outros espaços sociais do Vale do Jaguaribe, se caracterizavam como algo comum dentro daquilo que esta instituição, embora irregular perante a constituição laica, via como legítimo para a manutenção do seu poder simbólico, visto que:

As urbes jaguaribanas surgiram todas, quase sem exceção, à sombra de uma capela católica, em volta da qual se originou uma vila cujo povo foi “devidamente catequizado” por sacerdotes católicos. Ao tentar “invadir” esses “territórios já conquistados”, os protestantes não esperavam outra reação que não a da hostilidade (Freire, 2016, p. 296).

Apesar do uso da violência, tanto os vigários da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Russas, como a Diocese do Vale do Jaguaribe, à época pastoreada por Dom Aureliano Matos, não conseguiram repelir, ao menos em Russas, os Protestantes presbiterianos que continuaram a exercer sua profissão de fé, culminando com a fundação da sua própria Igreja no dia 20 de fevereiro de 1944, cujo funcionamento permanece até os dias atuais.

O movimento Protestante, além da implementação dos elementos simbólicos da fé e moral evangélica, que culminou com a criação da sua própria Igreja, também constituíram relações com membros da Loja Deus Fraternidade.

### **As aproximações entre Maçons e Protestantes**

Araújo (1986) afirma que os Protestantes teriam atuado em aliança com os Maçons, causando uma grave crise nas estruturas da Igreja Católica local, contribuindo, em certo sentido, para que o “primitivo fervor religioso” dos católicos fosse atenuado.



Ainda segundo Araújo (1986, p. 327-330), os representantes dos dois grupos teriam se “infiltrado” nas estruturas da Igreja, “subtraído” os recursos das festas, além de “atenuarem” os esforços da cidade para se tornar sede da Diocese do Vale do Jaguaribe.

A respeito das acusações de Araújo (1986), não conseguimos evidências de que Maçons e Protestantes tivessem organizado ações em aliança para “roubar” a Igreja Católica e prejudicar os esforços pela diocese do Vale. Entretanto, há indícios que nos levam a conjecturar que os dois grupos, a partir de alguns dos seus membros, tiveram, sim, relações de contato. Assim, em que medida, na cidade de Russas, Maçons e Protestantes teceram relações de proximidade? Quais os sujeitos que integravam, ao mesmo tempo, os quadros da Maçonaria Deus e Fraternidade e Igreja Presbiteriana?

Souza Neto (2008, p. 72), ao se reportar às relações de proximidade desenvolvidas por Maçons e Protestantes, especificamente Presbiterianos, nas décadas finais do século XIX e princípio do XX, afirma que “a Maçonaria contribuiu para a entrada e fixação do Protestantismo no Brasil”. Para David Gueiros Vieira (2006, p. 206), “muitos missionários protestantes se empolgaram com o auxílio recebido da parte dos maçons e liberais. Outros tomaram posição cautelosa, mas nem por isso deixaram de se aproveitar do auxílio oferecido”.

Percebe-se, portanto, que a integração da maçonaria no protestantismo, e vice-versa, em âmbito nacional, não se configurava como algo exótico. Émile Léonard (1963, p. 148-149), assevera que havia um entusiasmo protestante à causa maçônica:

Durante muito tempo o protestantismo brasileiro não encontrou nenhuma dificuldade nesta aliança que algumas vezes se tornara verdadeira simbiose. Em Uruguaiana (R. G. S.), o inglês Joiner, chefe da estrada de ferro, manteve na Loja Cruzeiro do Sul uma escola dominical muito tempo antes que a obra evangélica ali se estabelecesse definitivamente. O Estandarte, de Carlos Pereira, publicou artigos cujos autores, bons presbiterianos, fizeram seguir a suas assinaturas dos três pontos rituais; e em outubro de 1898, ao mesmo periódico, fazia-se o elogio da obra benfeitora da Ordem, em contraste com os abusos dos Salesianos, relativamente à caridade, sob o título: “Pela Maçonaria”. Havia então, nos diversos meios evangélicos, observam os Anais, um grande entusiasmo pela causa maçônica. Em Jaú e em Botucatu se haviam organizado Lojas para as quais entraram elementos da Igreja; e havia um crente maçom que viajava para propagar a ideia.<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Convém ressaltar que a cordialidade entre os dois grupos nem sempre foi algo recíproco. Ao final do século XIX, na Igreja Presbiteriana, em razão da grande presença de maçons nos interiores dos seus templos, passou-se a questionar se de fato isto, à luz do evangelho, era válido. O fato é que, em meio a este processo de conturbação da presbiteriana, a Igreja cindiu-se em duas (cf. Mendonça, 2005).



Freire (2016, p. 483), compreende que no Ceará “a evangelização reformada, muitas vezes apoiada por maçons, constitui evidente indício de que “exércitos” divergentes de forças medianas se uniram para minar o poder da Igreja Católica, a “força dominante””. Por meio de vestígios empíricos encontrados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, nos parece patente que esta foi a tônica em diferentes regiões do Ceará na primeira metade do século XX. Periódicos católicos vinculados a diferentes dioceses, a exemplo das prelaças do Crato, localizada na região do Cariri, ao sul, e Sobral, situada ao Norte, denunciavam que Maçons e Protestantes estavam unidos.

O jornal *A Ação*, órgão da diocese de Sobral, em 15 de junho de 1941, denunciava que naquela região os Maçons seriam “*padrinhos de Protestantes*”, sendo responsáveis, os agentes deste último grupo, por distribuírem “*bíblias falsificadas*” naquela cidade:

Há poucos dias, censurava-se, num café local, uma nota desta folha contra os agentes protestantes que andam distribuindo bíblias ---- e falsificadas. Os nossos novos sensores não suportam observações enérgicas da imprensa. São mofinos como cães vadios. [...] As diversas seitas acatólicas, as sociedades secretas e as instituições anticristãs, em toda parte, são bicudos que se beijam, desde que se trate de combater a Igreja Católica. Um maçom, por exemplo, que se filiou á maçonaria por imperativos da incredulidade e não por filantropismo, por conveniências economicas, por agrado de compadres, não faz caso de confissões religiosas, até porque defende, no campo doutrinário, o racionalismo ateu. Entretanto, no caso de combater a Igreja, formará ao lado de qualquer ministro luterano, pentecostal, batista ou calvinista. [...] Em todo o caso, si alguém está se sentido mal, venha a publico apadrinhar os protestantes. Cá, os esperamos na ponta dos alfinetes (*A Ação*, Crato - CE, 15 de jun. 1941, p. 1-2).

De maneira similar ao *A Ação*, em 15 de janeiro de 1943, *O Sacerdote*, periódico da diocese do Crato, publicava uma matéria afirmando a aliança tácita entre os dois grupos, como também a presença de espíritas, denominados por este órgão informativo como sendo os “*fariseus modernos*”:

Muitas vezes seus defeitos, seus esquecimentos passam pela lente de aumento dos católicos “renegados” e fariseus modernos ou generalizam-se inconsequentemente os fatos, atribuindo-se a uma classe inteira crimes de alguns. As consequências desta indisciplina (só indisciplina) refletem-se sobre a Igreja de Deus, cuja influência diminuem junto as almas, na mesma medida em que diminui a influência do clero. E o que é mais grave: dão as mãos, nesse côro nefando, os Protestantes, os Maçons, os Espíritas e não poucos católicos. Proferem-se a respeito do padre conceito heréticos que ouvimos também dos lábios Protestantes. Tem sido tática velha, muito conhecida, indispor o povo contra o clero, quando quer mover perseguição ao Catolicismo. Não queremos pensar que vamos neste caminho no Brasil (*O Sacerdote*, Sobral – CE, 15 de jan. 1943, p. 1-2).



No caso de Russas, não encontramos nenhuma matéria com tom similar a estas. Contudo, aos nos debruçamos no cruzamento de dados compartilhados por Rocha (1976), especificamente a partir da identificação dos nomes dos sujeitos que faziam parte da loja maçônica Deus e Fraternidade e da Igreja Presbiteriana, percebemos que Joaquim Torres e Milton Loyola, pertenciam aos quadros das duas instituições.

Milton Loyola, na década de 1930, era um dentista e possuía um consultório no centro da cidade, onde também residia com sua família. Sua casa sediou as primeiras reuniões de estudos bíblicos empreendidas pelo missionário Bandeira (Ribeiro, 2013).

Interpretamos que ao ceder sua residência para a realização das primeiras reuniões protestantes, o dentista agiu de forma similar aos Maçons do século XIX. Em alguns espaços sociais, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, lugares que receberam os primeiros missionários vinculados ao presbiterianismo no Brasil, quando não havia templos ou espaços para a realização de reuniões e cultos presbiterianos, os Maçons costumavam, imbuídos do ideário da beneficência, ceder os salões de suas Lojas, ou de suas próprias residências, para que houvessem reuniões Protestantes (Souza Neto, 2008).

Joaquim Torres, outro sujeito que pertencia à Maçonaria Deus Fraternidade e a Igreja Presbiteriana, de acordo com Alfeu Torres<sup>24</sup> e Hildete Torres,<sup>25</sup> ambos filhos do Joaquim Torres, dizem que o pai era um trabalhador liberal que possuía habilidade para trabalhar com “tudo”. Antes de sua conversão ao presbiterianismo, ele era católico e costumava, quando lhe era possível, exercer o ofício de restaurador de peças sacras vinculadas ao catolicismo. Depois que recebeu os ensinamentos protestantes, ao qual orientava/orienta aos seus fiéis a não adorarem imagens, percebeu que o ofício de restaurador era “errado” e parou de realizar a atividade:

Alfeu Torres: Quando ele era católico, ele fazia as imagens, entendeu!? Só que aí ele viu que era errado, né... Na bíblia diz que é proibido adorar qualquer outra imagem que não a de Cristo, né!? Você só pode adorar a uma pessoa, a Cristo...

Nos relatos dos narradores percebe-se que os Protestantes, dentro de um campo religioso onde a Igreja detinha domínio, foram, pouco a pouco, inserindo novos hábitos

<sup>24</sup>Alfeu Costa Torres, 68 anos, funcionário público municipal aposentado. Entrevista realizada pelo autor deste trabalho, na cidade de Russas, na residência do depoente, localizada no centro da cidade, no dia 17/12/2021.

<sup>25</sup>Hildete Costa Torres, 60 anos, professora e trabalhadora autônoma. Entrevista realizada pelo autor deste trabalho na cidade de Russas, na residência do Alfeu Torres, irmão da depoente, localizada no Centro da cidade, no dia 17/12/2021.



aos seus adeptos, fazendo com que estes abandonassem suas antigas práticas religiosas e passassem a praticar e vivenciar outras maneiras de contato com o sagrado, marcada pela ausência dos santos, dos padres, e a presença da bíblia, dos pastores. Joaquim Torres, segundo os narradores, mudou não só de religião, mas também modificou seus hábitos profissionais, uma vez que, após a sua conversão, ele deixou de realizar a restauração das imagens sacras Católicas.

Joaquim Torres e Milton Loyola teriam sido não só frequentadores da Igreja Presbiteriana, visto que também exerceram cargos de expressão dentro desta instituição. Loyola foi, na ausência de pregadores, nos anos de 1930 e 1940, pastor e uma espécie de benfeitor da Igreja, sendo o responsável por doar o terreno, que ficava do lado da sua casa, para que o templo presbiteriano fosse erigido em 1944 (Ribeiro, 2013). Joaquim, segundo Alfeu e Hildete Torres, exerceu, na década de 1950 e 1960, a função de Presbítero da instituição, evitando que a Igreja fosse fechada em virtude da falta de fiéis.<sup>26</sup>

Quanto a Loyola, não conseguimos informações que nos possibilitassem compreender a sua trajetória na Maçonaria e na Igreja Protestante, aspecto que nos leva somente a conjecturar que ele, sim, participou das duas instituições. Diferente de Milton Loyola, no caso de Joaquim Torres, Alfeu Torres e Hildete Torres, embora não fossem nascidos na década de 1930, ao serem indagados sobre a participação do pai na Maçonaria, disseram que Joaquim participou tanto da Loja Deus e Fraternidade, na primeira metade do século XX, quanto de outras lojas que surgiram na segunda metade do século XX na cidade, das quais os depoentes não souberam nos informar os nomes.

De acordo com os narradores, mesmo participando da Igreja Presbiteriana, Joaquim nunca havia deixado de frequentar a Maçonaria:

Alfeu Torres: Frequentava... Era uma coisa independente, não tinha nada a ver com religião.<sup>27</sup>

Hildete Torres: A Maçonaria não tem nada a ver com religião.... Meu Pai além de ser evangélico era Maçom também [...]. Na loja dele andavam vários Maçons... Ele só deixou de frequentar a Maçonaria depois que teve uma trombose.<sup>28</sup>

<sup>26</sup> A Igreja, neste período, passou por uma crise que o levou a perder seguidores. Freire (2016) estima que na década de 1950, haviam cerca de apenas 15 seguidores do presbiterianismo em Russas.

<sup>27</sup> Entrevista realizada pelo autor do trabalho, na cidade de Russas, na residência do depoente, localizada no centro da cidade, no dia 17/12/2021.

<sup>28</sup> *Idem.*



A partir dos relatos acima pode-se dizer, portanto, que membros da Loja Deus e Fraternidade e primeiros conversos ao Protestantismo, Milton e Joaquim, sobretudo Joaquim Torres, participavam tanto da Maçonaria quanto do Protestantismo. Assim:

Entre os dois grupos tão distintos, maçons e protestantes, pode-se apontar um elemento de interseção: ambos se consideravam arautos do desenvolvimento espiritual e material do homem. Os maçons, não sem razão, referiam-se a si mesmos como os “intrépidos romeiros do progresso” [...] Por sua vez, os protestantes também aportaram no Ceará como “pregoeiros da liberdade” e “arautos do desenvolvimento”, assimilando um discurso de progresso e civilização caro aos intelectuais do século XIX. Os reformados fazem, assim como os maçons, releitura de elementos do discurso iluminista, ressignificando conceitos como cultura/civilização, progresso/liberdade e educação/humanidade (Freire, 2016, p. 489-490).

Ao estabelecerem participação nas duas instituições, Joaquim Torres e Milton Loyola, buscaram angariar apoio, em um grupo rodeado de pessoas influentes, como era o caso da Maçonaria, para a causa protestante. Os dois inseriram-se dentro de uma seara, já narrada desde o século XIX, permanecendo até o tempo presente, de convenções, apoios, diálogos; mas também discordâncias, desentendimentos, distensões, separações, entre Maçons e Protestantes.

### **Considerações finais**

Pode-se dizer, a partir dos elementos apresentados neste artigo, que as ações de Maçons e Protestantes, na primeira metade do século XX, especificamente entre os anos de 1929 a 1944, se basearam sobretudo na tentativa de se estabelecerem em um espaço de forte controle do catolicismo. Para isto, empreenderam ações proselitistas nos espaços urbanos da cidade, a exemplo do que fizera os Protestantes Presbiterianos, ao mesmo tempo em que buscaram constituir relações de proximidade com as elites locais, procurando angariar os sujeitos dessa camada social para dentro dos seus quadros de participantes.

Ampliando o campo de inserção social, atuaram em instituições filantrópicas, como parecem ter feito os Maçons em relação a Sociedade Beneficente Russana, além, é claro, da edificação de seus espaços “institucionais”: Loja Maçônica Deus e Fraternidade, em 1938; A Fraternidade Jaguaribana, em 1937; e, a Igreja Presbiteriana, em 1944. Costurando todo esse movimento, acreditamos terem sido tecidas relações de



proximidade e apoio mútuo com vista a fazerem frente às perseguições impostas pela Igreja Católica.

Ao conseguirem furar a bolha do poder simbólico da Igreja Católica, Maçons e Protestantes, na nossa interpretação, foram os responsáveis por causar as primeiras fissuras no tabernáculo católico, ousando mostrar, mesmo em menor número, suas oposições aos ditames da instituição romana, assim como suas ideologias filosófico-religiosas e teórico-morais, que trouxeram outros costumes para o âmago desta sociedade interiorana.

No caso da maçonaria, os ideários de progresso, razão e fraternidade universal, alicerçados na modernidade, passaram a ser debatidos na suas reuniões, de modo espargir-se também para o espaço social; os presbiterianos visaram possibilitar aos sujeitos, por meio do consumo da literatura bíblica e retórica dos seus agentes, a compreensão de outros sentidos do sagrado, marcado sobretudo pela ausência de uma estrutura confessional, dos amuletos sagrados e simbólicos do catolicismo, e pelas pregações, sermões, evangelização de porta em porta, percepção dos sujeitos da possibilidade do contato direto entre estes e Deus, maneiras de se vestir e portar-se em público. Convergindo todos estes aspectos em uma cidade distante de grandes centros urbanos, onde a noção de tempo era outra, onde não havia círculos constantes de novidades e ideias, e unindo-se em apoios mútuos, tornaram-se símbolos da distorção, do contrário.

A fissuras, portanto, se acham inseridas no campo das ideias, na ânsia de tornar nítidas possibilidades alternativas de intercâmbio entre o ser humano consigo mesmo, com a sociedade que o rodeia e molda, e com o sagrado que o conduz. Maçons e Protestantes, desse modo, não esvaziaram as missas, os grupos de orações, procissões, festas católicas. Pelo contrário, talvez estas ocasiões, em razão dos alardes cotidianos dos ministros católicos quanto as ameaças da desvinculação dos indivíduos com a Igreja Romana, estivessem mais cheias. Contudo, Maçons e Protestantes alertaram aos agentes clericais do avanço de uma onda, imersa em uma tempestade que ameaçava sua hegemonia, o qual já vinha se germinando desde o século XIX, com a erupção da modernidade ocidental, que levou a secularização do catolicismo.

O clero católico não só resistiu, como também reagiu diante deste cenário buscando fazer valer, por meio de vários mecanismos, dentre eles, a violência, o seu poder simbólico no campo religioso de Russas, de modo a permanecer como a religião dominante. Anos mais tarde, ao final da década de 1940, bem como nas décadas de 1950 e 1960, os conflitos continuaram. No primeiro caso, em 1948, durante a inauguração do



Centro Espírita Rodolfo Teófilo, o vigário José Terceiro de Souza, reuniu um número expressivo de pessoas para apedrejar a casa espiritista. No segundo caso, a Igreja Católica, desta vez com o Cônego Pedro de Alcântara, voltaria a protagonizar cenas de violências com os membros da Igreja Batista.

### Fontes

A Ação, Crato – CE, 15 jun.1941.

A Razão, Fortaleza – CE, 19 de jul. 1936.

Alfeu Costa Torres, 68 anos, funcionário público municipal aposentado. Entrevista realizada pelo autor deste trabalho, na cidade de Russas, na residência do depoente, localizada no centro da cidade, no dia 17/12/2021.

ARAÚJO, Pedro de Alcântara. **Capital e Santuário:** miragens, russano-nordestinas. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1986.

Hildete Costa Torres, 60 anos, professora e trabalhadora autônoma. Entrevista realizada pelo autor deste trabalho na cidade de Russas, na residência do Alfeu Torres, irmão da depoente, localizada no Centro da cidade, no dia 17/12/2021.

O Sacerdote, Sobral – CE, 15 de jan. 1943.

ROCHA, Limério Moreira da. **Russas:** sua origem, sua gente, sua história. Recife: Gráfica Editora, 1976.

### Referências bibliográficas

BOUDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** Org. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CASTELLANI, José. **Ação secreta da maçonaria.** São Paulo: LANDMARK, 2012.

CASTELLO BRANCO, João Olímpio. **Caminhada Eclesial Jaguaribana:** respingando fases, passos, metas, textos e estrutura marcantes para a história em mutirão da diocese de Limoeiro do Norte – Ceará. Fortaleza: Pouchain Ramos, 2015.

CHAVES, Cintya. A escrita como um dos depósitos da memória: As disputas mnemônicas na construção do “mito da origem, na busca da verdadeira história” da cidade. **XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH,** Natal, 2013. Disponível em: [https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1392051802\\_ARQUIVO\\_Cintya\\_Chaves.pdf](https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1392051802_ARQUIVO_Cintya_Chaves.pdf). Acesso em: 20 out. 2022.



DIANTEILL, Erwan. PIERRE BOURDIEU E A RELIGIÃO: SÍNTESE CRÍTICA DE UMA SÍNTESE CRÍTICA. **Revista de Ciências Sociais**, v. 34, n. 2, p. 30–42, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/33923>. Acesso em: 14 mar. 2024.

FERNANDES, Simone Silva. Ação Católica brasileira: as origens de uma fundamentação teórica para a institucionalização de um apostolado leigo dentro da Igreja e preservação do seu patrimônio. **XIV Encontro Estadual de História da ANPUH/RS**, 2018. Disponível em: [http://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1531142632\\_ARQUIVO\\_SIMONEFERNANDESANPUH2018.pdf](http://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1531142632_ARQUIVO_SIMONEFERNANDESANPUH2018.pdf). Acesso em: 15 mar. 2024.

FREIRE, Edwilson Soares. **As cortinas que cerram o vale**: religião e secularização na diocese de Limoeiro do Norte – Ce (1940 - 1980). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Franca, São Paulo, 2016.

GADELHA, Francisco Agileu de Lima. **O Ceará na Trilha da Nova Fé**: o Presbiterianismo no Ceará (1883 - 1930). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2005.

LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo brasileiro**. São Paulo: Aste, 1963.

LIMA, Carlos Rochester Ferreira de. **“É preciso educar as meninas”**: história e memória institucional do Patronato Coração Imaculado de Maria em São Bernardo das Russas - CE (1937-1953). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, n. 67, p. 48-67, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>. Acesso em: 15 mar. 2024.

NEVES, Berenice Abreu de Castro. A Maçonaria no Ceará: “Os intrépidos romeiros do progresso”. In: SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil**: história, política e sociabilidade. Jundiá – SP: Paco Editorial, 2015.

OLIVEIRA, Gledson Ribeiro de. **Bodes, Hereges e Irmãos**: igrejas presbiterianas e batistas no Ceará do primeiro novecentos. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará, 2012.

RIBEIRO, Ana Cláudia Anibal. **A morte pede passagem**: ressuscitando lembranças dos ritos fúnebres em Russas- Ce (1930 - 1962). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará - UECE. Fortaleza, Ceará, 2013.

ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. **A Igreja Católica Apostólica Romana e o Estado Brasileiro**: estratégias de inserção política da Santa Sé no Brasil entre 1920 e 1937. 2011. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2011.

SILVA, Marcos Diniz. História da Maçonaria: memória coletiva, escrita histórica e legitimação de uma potência no Ceará. **OPIS (online)**, Catalão – GO, v. 18, n. 2, 2018.



Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/Opsis/article/view/50924/26601>. Acesso em: 2 out. 2022.

SILVA, Marcos Diniz. **Moderno – Espiritualismo e Espaço Público Republicano – Maçons, Espíritas e Teosofistas no Ceará**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará – UFC. Fortaleza, Ceará, 2009.

SOUZA, Fraçoise Jean de Oliveira. Organização, Preceitos e Elementos da Cultura Maçônica: fundamentos para a introdução aos estudos da Maçonaria. *In*: SILVA, Michel. **Maçonaria no Brasil: história, política e sociabilidade**. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2015.

SOUZA NETO, Wilson Ferreira. **Presbiterianismo e Maçonaria: uma análise da contribuição maçônica ao presbiterianismo brasileiro no período de 1859 a 1889**. Dissertação (Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2008.

SOUZA, Robério Américo de. Evangélicos numa cidade católica: a ação de missionários protestantes em Fortaleza (1882-1915). **Trajeto Revista de História UFC**, Fortaleza, v. 4, n. 8, p. 125-146, 2006.

SOUZA, Robério Américo do Carmo. **“Vaqueiros de Deus”**: a expansão do protestantismo pelo sertão cearense, nas primeiras décadas do século XX. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro, 2008.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.